

MOVIMENTO

A Hora dos Curtos

A experiência de diversos centros produtores, sobretudo os da Europa, revela que a prática do curta-metragem (de ficção, educativo, cultural) supre a ausência de escolas de formação técnico-profissional. Exemplo recente é a "nouvelle vague", que renovou os quadros profissionais do cinema francês. Apesar de contar com o IDHEC, a maioria de seus neo-realizadores preferiu apurar sua técnica na área do filme curto, antes de alçar-se à produção comercial. Na França, o cinema de curta metragem tem trânsito fácil nas salas exibidoras, o que estimula a produção e garante aos diretores continuidade de trabalho. Resolução do INC aplica o exemplo francês ao caso brasileiro. Curtos merecedores de uma "Classificação Especial" passam a ter assegurada a sua exibição durante 28 dias por ano em todos os cinemas do País e se beneficiam com o preço de locação, equivalente a 8% do número de poltronas existentes na sala exibidora, em cada sessão, calculado pelo maior preço da respectiva sala.

Para conferir a "Classificação Especial" foi nomeada comissão de cinco membros pelo Conselho Deliberativo: um representante do INC, Gilberto Mendes, presidente do júri; um representante da Câmara de Artes do Conselho Federal de Cultura, escritor Octávio de Faria; um jornalista, Cicero Sandroni; e dois críticos de cinema, Pedro Lima e Paulo Perdígão. Em suas reuniões semanais, a comissão tem examinado os curtos inscritos e a "classificação" é atribuída por maioria simples de votos. Todos os filmes são debatidos pelo júri, tendo em vista seu nível técnico-artístico e seu aspecto cultural.

Entre os filmes já beneficiados com a medida, figuram *Brasília, Contradições de uma Cidade Nova*, de Joaquim Pedro de Andrade, *Nossa Senhora dos Remédios de Parati*, de Pedro Carlos Rovai, *Lima Barreto — Trajetória*, de Júlio Bressane,

Heitor dos Prazeres e Ver, Ouvir, ambos de Antonio Carlos Fontoura, *Em Busca do Ouro*, de Gustavo Dahl. O filme de Joaquim Pedro é uma visão diferente da capital federal, focalizando a rotina cotidiana da metrópole e, segundo a técnica do cinema-verdade, recolhendo impressões da cidade-satélite e acompanhando o destino dos emigrantes que chegam do Nordeste em busca de trabalho. *Heitor dos Prazeres e Lima Barreto* oferecem dois retratos cinematográficos em tom semidocumentário, o primeiro a cores e o segundo biografando o escritor à luz de uma época do Rio de Janeiro. Ambos documentam momentos da vida carioca e suas raízes de cultura, enquanto *Ver, Ouvir* é uma projeção ao universo quase cibernético de certa arte moderna. *Nossa Senhora dos Remédios de Parati* combina a gênese da obra da pintora Djanira com imagens da cidade fluminense. *Em Busca do Ouro*, filmado em Ouro Preto, focaliza a "época do ouro" em Minas Gerais. O mais longo desses filmes vai a 20 minutos de projeção. O mais importante, naturalmente, não é o caráter competitivo da "Classificação Especial" mas a oportunidade que abre a cineastas jovens de tentarem carreira profissional. O simples fato de haver essa oportunidade à vista, é um estímulo à produção. (P. R. B.)

REGISTROS

George Sadoul

Georges Sadoul, um dos mais prolíferos e conhecidos críticos e historiadores de

cinema, morreu em 13 de outubro último, com 63 anos. Nascido a 4 de fevereiro de 1904, em Nancy, França era professor do Instituto de Filologia da Sorbonne, membro do Conselho de Administração da Associação Francesa de Críticos Cinematográficos e crítico titular do cotidiano "L'Humanité" e do periódico "Les Lettres Françaises".

Visitou o Brasil em 1960, quando teve oportunidade de assistir a vários filmes nacionais, e, entre outros cineastas, conheceu Humberto Mauro, cujo *Ganga Bruta* considerou uma das 100 mais importantes realizações de todos os tempos.

É autor de vasta bibliografia, — poucos livros vertidos para o português — da qual podem ser citados os seguintes títulos: "Histoire Générale du Cinéma" (cinco volumes), Éditions Denoel; "Le Cinéma Français" (1890-1962) e "Histoire du Cinéma Mondial", Éditions Flammarion; "Georges Méliès", "Louis Lumière", Éditions Seghers. (J. R.)

Julien Duvivier



"De todos os diretores franceses, dos que continuam em atividade regular, sou o mais antigo. René Clair começou em 1923, Renoir em 1924 — quando começaram, porém, eu já havia dirigido muitos filmes." Assim falava Duvivier, em entrevista a Moniz Vianna, em 1957. "Esse parece o título de que mais se orgulha Duvivier", dizia MV; "duas vezes, durante nosso encontro em sua residência, a ele se referiu o cineasta de *Pépé-le-Moko/O Demônio da Argélia*, como

se desejasse tornar bem clara a sua condição de veterano n.º 1". De fato, Julien Duvivier, falecido a 29 de outubro último (em um desastre de automóvel) foi o mais ativo dos bons realizadores franceses, e, um ano antes da entrevista citada, realizara o excelente (e geralmente subestimado) *Voici le Temps des Assassins*, baseando-se em um romance de Maurice Bessy, com Jean Gabin e Danièle Delorme. Depois, quase paralelamente à queda do ritmo de trabalho, sua filmografia registraria sucessos de bilheteria (*Pot-Bouille*; *Le Diable et les Dix Commandements*; *La Chambre Ardente*) reveladores de crescente declínio de inspiração. Nos últimos anos registrou-se até mesmo sob o ponto de vista "artesanal" um arrefecimento do impeto daquele que, durante as décadas de 30, 40 e 50, esteve — mesmo nos momentos menos inspirados — entre os realizadores mais completos e seguros da França.

Duvivier morreu aos 71 anos. Nasceu em 8 de outubro de 1896, em Lille. Deu seus primeiros passos artísticos na qualidade de ator, muito cedo, e aproximou-se da "mise-en-scène" via teatro, como assistente. Seu trabalho na criação cinematográfica teve início pelo roteiro de *La Reincarnation de Serge Renaudier*, em 1918. No mesmo ano abordou a direção, com *Haceldama*, interpretado por Séverin Mars, que depois seria protagonista do famoso *La Roue*, de Abel Gance. Até o advento do som, fez cerca de vinte e cinco filmes — um terço de sua filmografia global. Na fase silenciosa são assinaláveis, entre outros, um documentário sobre o cinema, *La Machine à Refaire la Vie* (1924), de parceria com Henri Lepage; *Poil de Carotte*, primeira versão da peça de Jules Renard (1925); e outros filmes populares, como *L'Agonie de Jérusalem* (1927).

Com a segunda versão de *Poil de Carotte* (1932), interpretada por Harry Baur e Robert Lynen, o prestígio de Duvivier começa a subir. *La Tête d'un Homme* (1933) confirma essa ascensão: já é o narrador seguro, e um dos melhores diretores de atores (Baur, Gina Manès) desse período. Dirige Gabin em *Marie Chapdelaine*